

BÍBLIA, LITERATURA E LINGUAGEM

Coleção PALIMPSESTO

Coordenação editorial: **Prof. Dr. Paulo Nogueira**

- *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*, Valtair Afonso Miranda
- *Bíblia, literatura e linguagem*, Júlio Paulo Tavares Zabatiello / João Leonel

JÚLIO PAULO TAVARES ZABATIERO
JOÃO LEONEL

**BÍBLIA, LITERATURA
E LINGUAGEM**



Direção editorial: *Zolferino Tonon*
Assessoria/área bíblica: *Paulo Bazaglia*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Cícera Gabriela Sousa Bezerra*
Tiago José Risi Leme
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zabatiero, Júlio Paulo Tavares
Bíblia, literatura e linguagem / Júlio Paulo Tavares Zabatiero, João Leonel. – São Paulo: Paulus, 2011. – (Coleção Palimpsesto)

ISBN 978-85-349-2489-4

1. Bíblia - Introduções 2. Bíblia - Linguagem, estilo 3. Bíblia como literatura 4. Teoria literária I. Leonel, João. II. Título. III. Série.

11-06877

CDD-809.93522

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia como literatura 809.93522

1ª edição, 2011

PAULUS – 2011

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-2489-4

APRESENTAÇÃO¹

Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

O livro *Bíblia, literatura e linguagem*, de Júlio Paulo Tavares Zabatiero e João Leonel, é um livro que atrai: bem escrito, com o tema atual das aproximações teóricas entre os estudos bíblicos e os da linguagem; com análises bem-sucedidas, o livro reúne as qualidades, nem sempre consideradas conciliáveis, do trabalho acadêmico sério e erudito, e, ao mesmo tempo, criativo, inovador e de leitura agradável.

O livro toma a direção clara de procurar dar tratamento literário e discursivo aos textos religiosos e, em especial, à Bíblia, e de tornar esse tipo de abordagem uma realidade no contexto brasileiro. Na área dos estudos do discurso há, com frequência cada vez maior, estudos dos discursos religiosos, discursos que têm mostrado, também atualmente, seu papel sempre renovado na construção das relações sociais. São, nesse caso, estudiosos da linguagem, literária ou não, que se debruçam sobre esse tipo de discurso, por considerarem o estudo dos discursos religiosos imprescindível para o conhecimento da sociedade atual.

Os autores de *Bíblia, literatura e linguagem* fizeram outro caminho: dos estudos teológicos da Bíblia, sua área de formação inicial, para o exame do discurso religioso na perspectiva dos estudos da linguagem, campo de suas formações pós-graduadas. O percurso empreendido é responsável por duas das características do trabalho que agora publicam: a novidade da obra e a segu-

1 Professora titular de Linguística na USP, coordenadora de pós-graduação *Scripto Sensu* da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

rança decorrente da formação sólida dos autores nas duas áreas aproximadas para o tratamento literário e discursivo da Bíblia.

O livro organiza-se em duas partes, cada uma com cinco capítulos. A primeira trata mais especificamente de literatura e Bíblia, a segunda ocupa-se dos diálogos estabelecidos, para os estudos da Bíblia, com teorias linguísticas e discursivas de direções teóricas diversas e, em especial, com a semiótica discursiva francesa.

Os autores mostram, na primeira parte, que o tratamento literário dado à Bíblia distingue-se de outras abordagens pastorais e acadêmicas, ao mesmo tempo em que vem complementá-las. Esses outros estudos consideram a Bíblia, no âmbito dos estudos religiosos, como texto sagrado, inspirado por Deus e fonte ou manual de orientação dogmática para a vida dos leitores, ou, no campo dos estudos literários, como “literatura menor”, objeto de investigação crítica, com ênfase historicista.

O livro de Leonel e Zabatiero não toma nenhuma dessas direções. Sua proposta, como vimos, é retomar a Bíblia como texto e discurso, no quadro dos estudos da linguagem. Para tanto, são examinados, na parte sobre literatura e Bíblia, a questão do gênero discursivo, o problema do narrador e a construção da narrativa, são apresentados bons exemplos de análise e são retomados estudos anteriores de autores diversos, e, sobretudo, de Auerbach, Frye e Alter.

Em relação ao gênero, a questão principal é a da variedade de estilos e gêneros literários no texto bíblico e o caráter fundamental dessa identificação para corroborar a proposta de exame literário dos evangelhos e da Bíblia. Os autores discutem principalmente o fato de o gênero dever ser examinado em seu contexto sociocultural e literário. Bakhtin, na mesma direção, insiste em que os gêneros estão ligados a esferas de atividades do homem na sociedade e em que esferas de ação e gêneros mudam, portanto, no tempo e no espaço. Desenvolve-se no livro,

de forma cuidadosa, a relação entre os evangelhos e o gênero da biografia greco-romana, com ênfase em três características da biografia encontradas nos evangelhos: a personalidade individual tomada como modelo a ser seguido ou como antimodelo a ser evitado; a seleção de fontes e dados para a construção dessa figura ideal; o caráter passional da biografia em oposição aos traços mais inteligíveis e racionais da História. O capítulo sobre o gênero traz uma análise do evangelho de Mateus.

O papel discursivo do narrador é observado também no evangelho de Mateus, com a finalidade de mostrar que esse evangelho, considerado por muitos estudiosos como um texto pouco vivo e bastante distanciado de seu leitor, devido ao emprego da terceira pessoa e da onisciência, usa, na verdade, outras estratégias de aproximação do leitor e que isso só pode ser percebido com o exame dos procedimentos empregados pelo narrador para estabelecer as relações entre narrador e narratário. Para a obtenção dos efeitos de sentido de aproximação da enunciação, os autores apontam, sobretudo, os procedimentos de descrever as ações das personagens, sem afirmar o que sentem ou desejam, e de dar-lhes voz em discurso direto, permitindo uma maior participação do narratário na interpretação do texto e no desenrolar da trama.

Na elaboração da narrativa bíblica, os autores examinam, também em Mateus, o narrador, o tempo, o cenário e as personagens, na perspectiva da teoria literária, mostram que os textos bíblicos têm forte teor retórico, pois procuram “convencer seus leitores de seus valores”, reforçam, com exemplos, a proposta apresentada: a teoria literária (e os estudos do discurso) não apenas pode ajudar no entendimento da Bíblia, mas é imprescindível para a construção de seus sentidos e valores.

O último capítulo da primeira parte retoma a discussão teórica sobre a relevância da teoria literária para o estudo da Bíblia e, em especial, para a exegese bíblica, enfatizando a proposta

dos autores de que o estudo da Bíblia como texto sagrado deve decorrer de sua análise como literatura e do exame dos procedimentos literários e discursivos que a caracterizam. O exercício de análise de 1 Samuel 1,1-28 completa a primeira parte, toda ela com bons exemplos de análise de textos bíblicos com base nos princípios da teoria literária.

Na segunda parte, como foi mencionado, são propostos também novos rumos para a exegese bíblica, mas a partir de diálogos com teorias linguísticas e discursivas e, em especial, com a semiótica discursiva francesa. Os autores ocupam-se, assim, de questões de enunciação do discurso, de recepção do texto, de organização narrativa e de construção de identidade (de *éthos* discursivo). A análise cuidadosa de textos bíblicos, na perspectiva discursiva, continua na segunda parte do livro, em que são estudados, sobretudo, os evangelhos de Marcos e de Lucas.

Os autores examinam o conceito de enunciação desenvolvido pelos estudos do discurso e apontam quatro decorrências desse tipo de abordagem para a exegese bíblica: a superação da concepção referencialista de linguagem e sua substituição pela tomada em consideração das relações interpessoais e interdiscursivas que constituem os sentidos dos textos; a análise do texto como um todo de sentido, no âmbito do qual as palavras significam; o caráter dialógico da exegese; a exegese entendida como um ato político e de interferência na construção do sentido.

O livro trata, ainda, das questões de recepção e leitura como coenunciação, do contrato de veridicção que se estabelece entre enunciador e enunciatário dos textos e das relações entre recepção e interdiscursividade, e mostra os resultados dessas concepções de leitura para o estudo dos discursos religiosos. Com o mesmo fim, são analisadas a organização narrativa de um texto de Lucas e as relações intertextuais e interdiscursivas que mantêm com outros textos e discursos.

Finalmente, para a construção de identidades – da identidade messiânica de Jesus e da identidade de seguidores de Jesus, ambas no evangelho de Marcos –, a noção de identidade é considerada como um processo sociodiscursivo, com as relações de diferenciação e de identificação. Na construção da identidade messiânica de Jesus no evangelho de Marcos, são apontadas algumas características discursivas, sobretudo temáticas e figurativas, de identificação e de diferenciação: a reiteração da fidelidade filial de Jesus; sua solidariedade com pessoas impuras e pecadoras; sua oposição à identidade legitimadora dos mestres-fariseus. A identidade dos seguidores de Jesus, por sua vez, é construída em relação à identidade do Mestre e pelo exame da intertextualidade e da interdiscursividade com o Antigo Testamento, principalmente.

Os elementos rapidamente examinados nesta apresentação indicam que o livro *Bíblia, literatura e linguagem* se dirige tanto aos estudiosos de teologia e ciências da religião quanto àqueles que se dedicam aos estudos literários, linguísticos e discursivos. E o faz com a segurança do conhecimento amadurecido nesses dois grandes campos do saber. A interdisciplinaridade dá ao livro seu caráter inovador e não significa, de forma alguma, empobrecimento ou superficialidade no tratamento do texto bíblico e das questões teóricas apresentadas. Ao contrário, e retomo o que disse no início, o livro alia conhecimento das áreas relacionadas, criatividade no tratamento do discurso religioso, escrita e análises claras e atraentes. Passemos agora ao prazer da leitura.

Diana Luz Pessoa de Barros

INTRODUÇÃO

Este é um livro escrito a quatro mãos. Mas, diferentemente de uma apresentação a quatro mãos em um piano, nós escrevemos independentemente um do outro. Somos amigos há muito. Embora nunca tenhamos trabalhado juntos, desenvolvemos interesses semelhantes em nossas carreiras acadêmicas como professores de Literatura Bíblica e Teologia. João Leonel caminhou principalmente nas trilhas da literatura e teoria literária. Júlio Zabatiero percorreu principalmente os caminhos da semiótica francesa do discurso. Leonel é principalmente leitor do Novo Testamento, Júlio do Antigo; mas ambos não nos sentimos muito à vontade com a divisão departamental dos estudos bíblicos entre especialistas do Antigo e do Novo Testamentos. Por isso, resolvemos publicar juntos estes estudos. Eles não nasceram em função deste livro. Nasceram como palestras e artigos para revistas acadêmicas na área da exegese bíblica. Refletem diferentes momentos do trabalho de cada um de nós e se propõem a apresentar exemplos e reflexões teóricas sobre como ler a Bíblia além das fronteiras da metodologia histórico-crítica e histórico-gramatical.

E é exatamente nesse deslocamento teórico que se justifica a publicação de *Bíblia, literatura e linguagem*. Durante três séculos (XVIII-XX), o paradigma histórico, moderno, de interpretação da Bíblia foi dominante e soberano na pesquisa bíblica e nos estudos bíblicos ligados às igrejas. Seja no lado da vertente histórico-crítica, seja no da histórico-gramatical, a leitura da Bíblia nesses trezentos anos ficou definida e demarcada pela *história* e pela *filologia* como referencial teórico e hermenêutico. Nesse

paradigma histórico, a aposta fundamental era a de encontrar, mediante o cuidadoso uso do método, o sentido original do texto, de acordo com a intenção de seu autor e a interpretação por seus primeiros leitores. Embora as duas vertentes do paradigma histórico sejam antagonônicas entre si, ambas se submetem, igualmente, ao crivo da *historicidade* como fator que define a verdade textual e sua adequada e correta interpretação.

Os resultados da pesquisa bíblica sob o paradigma histórico têm sido impressionantes. Produziu-se um gigantesco volume de conhecimentos sobre o “contexto histórico” dos livros bíblicos, cristalizado em milhares de publicações sobre as grandes áreas da História dos tempos bíblicos, da Introdução à Bíblia, da geografia e arqueologia das terras bíblicas, da sociedade e cultura mediterrânea, seja no seu lado oriental, seja em sua margem ocidental. Esse tipo de produção permanece ativo e continua oferecendo novos conhecimentos, novas possibilidades teóricas e novos questionamentos historiográficos. Os resultados alcançados e publicados são de extrema importância e não podem jamais ser desconsiderados por qualquer pessoa que deseje conhecer a Escritura judaico-cristã ou o mundo antigo na órbita do Judaísmo e do Cristianismo nascente.

Simultaneamente, idêntico volume de conhecimentos veio à tona em relação às línguas originais dos livros bíblicos, às suas gramáticas, à sua semântica e suas inter-relações; os comentários bíblicos ofereceram imenso repertório de interpretações teológicas, sociológicas, históricas, antropológicas dos textos bíblicos, e nos ajudaram a conhecer amplamente as formas literárias, as estruturas de escrita, os gêneros dos livros bíblicos. Esse tipo de pesquisa também permanece em vigor e continua oferecendo novos conhecimentos e questionamentos. Os resultados alcançados nesta área do conhecimento exegético são, igualmente, indispensáveis para quem estuda a Bíblia.

Entretanto, como em qualquer outra área do saber acadêmico e disciplinado, o paradigma histórico de interpretação da Bíblia já demonstra sinais de esgotamento. Rolf Rendtorff, há mais de vinte anos, já identificava tais sinais no início do século XX, quando do surgimento e desenvolvimento da chamada Crítica da Forma. Esse esgotamento paradigmático não é exclusivo da pesquisa bíblica. Ao contrário! É o esgotamento de um modelo de fazer *história*. O que se constatou no campo da exegese é que o referencial teórico da História política, nacional, universal, se esgotou. A História Nova, a História das Mentalidades, a História Cultural e outros modelos historiográficos revolucionaram o modo de se fazer pesquisa histórica e demonstraram que o padrão apropriado pela pesquisa bíblica já não mais atendia às demandas e possibilidades da produção de conhecimento historiográfico. Simultaneamente, o modelo filológico de interpretação textual se esgotou. O surgimento da linguística no início do século XX e seu amplo desenvolvimento durante todo o longo século demonstraram que outras formas de ler um texto eram possíveis e necessárias. Do mesmo modo, as abordagens literárias tradicionais aplicadas aos textos bíblicos e exemplificadas na consideração de gêneros e formas menores, vozes narrativas, personagens, cenários, tempos etc. carecem de revisões a partir de propostas teórico-literárias contemporâneas.

Muitos não entenderam que o esgotamento do paradigma histórico-filológico-literário de pesquisa não significava o abandono da contextualidade dos escritos bíblicos. Uma inútil polêmica se estabeleceu entre leituras diacrônicas e sincrônicas, entre interpretações históricas e literárias – como se tais oposições existissem na realidade. Como é relativamente comum no campo acadêmico, trincheiras se estabeleceram entre praticantes de um ou de outro modelo de interpretação, entre os grupos pró-paradigma histórico e os contrários a esse paradigma. Um

lado passou a afirmar dogmaticamente que a única interpretação adequada da Bíblia é a histórica. O outro, não menos dogmaticamente, desprezava o paradigma histórico-filológico e oferecia leituras formalistas ou idealistas dos textos bíblicos, descoladas de qualquer ancoramento dos textos na história de sua elaboração.

Esse tempo de polêmica e dogmatização está se encerrando. Pode-se constatar, hoje em dia, que o esgotamento de um paradigma de pesquisa não significa a negação dos resultados, questionamentos e metodologias desenvolvidos no tempo de vigência paradigmática. Entretanto, o esgotamento de um paradigma demanda uma reorganização dos modos de pesquisa, dos diálogos interdisciplinares, dos questionamentos, das teorias de produção de conhecimento em uma área do saber. Vivemos, sob este aspecto, em um período de transição paradigmática. Ainda não se cristalizou um novo paradigma de pesquisa bíblica, embora sejam claros os sinais de que o mesmo está em construção. É possível, dada a pluralidade do mundo acadêmico contemporâneo, que mais de um paradigma articule a pesquisa bíblica.

Esta coleção de estudos dá testemunho deste tempo de transição. É um testemunho irênico – não nos propomos a debater e demonstrar os limites do paradigma moderno e enaltecer as virtudes do novo paradigma. De fato, não oferecemos um novo paradigma para a pesquisa. Simplesmente oferecemos dois outros modos de ler a Bíblia. João Leonel apresenta reflexões teórico-metodológicas e exemplos concretos de leitura bíblica sob um viés das novas teorias literárias. Seus capítulos possibilitam uma viagem pelos principais autores e temas da pesquisa literária contemporânea. A partir de seus textos, quem se encanta com o caráter literário da Bíblia poderá desenvolver suas próprias formas de leituras, seus diálogos interdisciplinares, suas escolhas teóricas. Além disso, perceberá que não é mais possível reduzir

o diálogo bibliográfico apenas aos especialistas em *exegese*. Nos textos de Júlio, as mesmas possibilidades são oferecidas, só que em diálogo com a linguística da enunciação e com a semiótica do discurso. Ambos oferecemos aos nossos leitores e leitoras um passeio por novos caminhos de leitura bíblica, caminhos marcados por amplo diálogo interdisciplinar e por profunda exigência teórica.

Embora cada capítulo deste livro não tenha sido, como já dissemos, escrito com a intencionalidade de compor uma obra unificada, em seu conjunto eles concretizam alguns dos mais importantes desdobramentos da chamada virada linguístico-pragmática nas ciências humanas. Entre nossos textos há convergências importantes, mas as divergências não são menos significativas. Acima de tudo, porém, tentamos mostrar que é possível, e mais, que é necessário ir além da tradição acadêmica e eclesial de leitura da Bíblia. É preciso sair dos lugares de familiaridade e conformidade em que nos encontramos. A Escritura continua oferecendo desafios imensos a quem a lê. É imperativo, porém, ler “fora da caixa”. É indispensável realizar tal movimento. Mover-se adiante, ir além, ultrapassar. Sem, entretanto, esquecer. Sem abandonar a nossa própria tradição acadêmica de pesquisa bíblica. Inovar sem dogmatizar.

Por isso mesmo este livro não se destina apenas a profissionais da interpretação bíblica. Além deles e de estudantes de teologia, a obra poderá ser lida com proveito por pessoas com interesses literários, linguísticos, históricos, sociológicos e por aqueles que desejam ler a Bíblia a partir de novas abordagens metodológicas.

Enfim, é importante que nós agradeçamos a tanta gente que tornou possível a feitura deste livro. As instituições educacionais em que trabalhamos nos ajudaram a ir além – em especial as alunas e alunos inquietos e curiosos que mantiveram nosso ânimo

e esperança. Nossas famílias sempre nos inspiraram. Três agradecimentos específicos também se fazem prazerosamente necessários. À professora Diana Barros e ao professor Paulo Nogueira agradecemos pelos textos que nos brindaram e enriquecem este livro – sua contribuição é muito maior, porém, do que esses belos textos. À Paulus, editora que sempre nos surpreende com a publicação de obras inovadoras, nossa gratidão por ter aceitado incluir nosso trabalho em seu acervo.

Os autores.